

## **A (in)sustentável leveza do *internetês*. Como lidar com esta realidade virtual na escola?**

Antonio Carlos Xavier<sup>1</sup>

### **Introdução**

O *internetês* tem sido um tema constante nas rodas de conversas informais, em reportagens da mídia e, principalmente, em cursos de capacitação para professores de Língua Portuguesa. Está mais do que na hora de os professores de linguagem discutirem mais abertamente sobre essa questão tão presente no nosso cotidiano escolar e às vezes tão mal compreendida principalmente pelos próprios docentes da área.

Por um lado, muitos professores de diversas disciplinas são radicalmente contra a utilização desse novo ‘dialeto’ pelos alunos e por quem quer que seja, pois veem-no como uma evidente ameaça ao bom português. Alguns desses docentes consideram-no um verdadeiro sacrilégio, uma agressão ao idioma pátrio já “tão maltratado pelos brasileiros incultos e desatentos com um de seus mais importantes patrimônios culturais que é a língua”, como costumam praguejar alguns.

Por outro lado, há docentes que não guardam quaisquer reservas contra o *internetês*. Concebem-no como mais uma invenção linguageira derivada da necessidade de comunicação por meio das tecnologias recém-criadas que possibilitaram o surgimento desse modo diferente de organizar os recursos linguísticos na tela do computador, telefone celular e aparelhos afins. Há professores, até mesmo de Língua Portuguesa, que tratam a chegada e o uso do *internetês* com tanta naturalidade que até o empregam, eles mesmos, em seus blogs, sites pessoais de relacionamento, *e-mails*, *chat* e outros gêneros digitais em que esta linguagem já estabeleceu definitivamente.

Queiramos ou não, o *internetês* inundou o cotidiano das relações humanas, ocupando os espaços dos gêneros digitais utilizados por aqueles que têm acesso ao computador *on-line*. Já são mais de 85 milhões de usuários de internet no Brasil, que passam mais de 45 minutos por mês lendo e escrevendo textos em gêneros digitais<sup>2</sup>. Não podemos mais negar a presença nem muito menos a simpatia de que goza o *internetês* entre a maioria dos internautas e pela a totalidade das crianças e adolescentes que o utilizam quando estão conectados. O que a sociedade em geral e nós, professores em particular, precisamos agora é saber o que fazer diante desta realidade que já não é mais virtual. Demonizá-lo ou aceitá-lo como natural e válido em certas situações de comunicação na modalidade escrita da língua?

### **1. A Gnet e o *internetês* chegam à escola**

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Letras da UFPE. Coordenador do Nehte – Núcleo de Estudos de Hipertexto e Tecnologias na Educação. Para mais informações, acesse: [www.ufpe.br/nehte](http://www.ufpe.br/nehte) e [www.profxavier.blogspot.com](http://www.profxavier.blogspot.com)

<sup>2</sup> Pesquisa do IBGE publicada em dezembro de 2009 mostrou que quase 90 milhões de brasileiros já têm acesso à Internet.

O *internetês* nasce da necessidade dos micreiros se comunicarem com a mesma velocidade e espontaneidade da modalidade oral da língua, utilizando para isso não a voz, nem os gestos corporais, mas o teclado e uma espécie de reconfiguração da escrita das palavras e da ressignificação de alguns sinais diacríticos à mão do internauta. Uma grande parte desses adolescentes são também estudantes, frequentam os bancos escolares e certamente usam o *internetês* sem a culpa de estarem ameaçando a sobrevivência da “última flor do Lácio” no mundo.

A GNet é composta pelos nativos digitais, isto é, por aqueles que nasceram no início dos anos 1990, momento em que as novas tecnologias invadiram as empresas, escolas e residências sem quaisquer cerimônias tal como mostraram Palfrey e Gasser (2008). Tal geração vem desde bem cedo manipulando aparelhos sofisticados como televisores em cores com controle-remoto, vídeos-cassetes, máquinas fotográficas e filmadoras digitais, telefones celulares etc. A maioria de tais equipamentos hoje está digitalizada, isto é, passaram a ser produzidos de acordo com a forma binária pela qual os algoritmos computacionais funcionam. Alguns desses aparelhos foram substituídos ou se transformaram em outros equipamentos como vídeos-cassetes que deram lugar aos DVDs, o walkman cedeu lugar para MP3, MPn, celulares multifuncionais (que fotografam, calculam, agendam números, nomes e compromissos, tocam música, transmitem programas de rádio, gravam voz e arquivos de texto e inclusive fazem e recebem ligações), Ipods etc.

São consideradas membros da GNet as pessoas que desde a infância ou adolescência adotavam os seguintes procedimentos:

- a) Jogaram e ainda hoje jogam vídeo-game com certa frequência no ambiente familiar;
- b) Acompanharam a evolução dos diferentes jogos eletrônicos, do seu surgimento ao seu envelhecimento e renovação em três dimensões;
- c) Viram de perto a chegada e a popularização da quarta mídia, a Internet;
- d) Usaram os primeiros navegadores de Internet, que tornaram amistosa a relação homem e máquina e permitiram que um usuário não especialista explorasse os dados da grande rede sem ter que dominar códigos complicados da informática.

Segundo Xavier (2009, no prelo), essa geração digital é manuseia os aparelhos eletrônicos com muita facilidade, em especial, o computador, todos os dias, durante várias horas do dia ou da noite, de tal sorte que essa máquina já faz parte do seu cotidiano. A consequência de tanta intimidade com esse mundo tecnológico é, sem dúvida, o surgimento de uma linguagem que execute as ações céleres que esses internautas realizam muitas vezes e todos os dias. Por essa razão, é fácil entendermos o fascínio que a Gnet demonstra pelo *internetês*.

O que deve, pois, fazer o professor diante dessa realidade que não é virtual, muito pelo contrário, é bastante concreta? Eis um grande desafio que precisa ser enfrentado sem rodeios para que os docentes, principalmente, os de Língua Portuguesa se posicionem com tranquilidade e se prepare pedagogicamente para lidar com esse fato linguístico.

## **2. O que é e como se caracteriza o *internetês***

Antes de abordarmos diretamente uma possível saída para lidarmos com esse fenômeno de linguagem, precisamos conhecer qual a real natureza do *internetês*, ou seja, conhecer um pouco mais sobre suas características fono-morfo-sintático-semântico-pragmáticas.

Claro que não temos a pretensão de detalharmos aqui cada um desses níveis de análise da língua, o que exigiria um espaço bem maior que apenas um capítulo deste livro. Pretendemos, sim, apresentar uma visão geral da sua abrangência na língua que seja suficiente para entendermos o que é e como se comporta esse fenômeno linguageiro.

Analisemos o exemplo abaixo retirado de um diálogo entre dois adolescentes que conversavam por meio de um programa de computador que permite trocas de mensagens simultâneas aqui classificado de *Serviço de Mensagens instantâneas* (SMi). Esse é o gênero digital mais utilizado pelos internautas no Brasil, segundo pesquisa do IBOPE publicada em junho de 2009. é interessante observemos como se apresenta gráfica e linguisticamente este exemplo de gênero digital SMi.

Ex.1:

A – e aeee lipi td blz ctg???



B – apareceu veiu!!! cmg td fmz... kd vc na net robiño pra gente tc?

A – to meu ocupadu, to c mt PROVA e TRABALHO da escola pra faze.. e tem + meu pc deu pau esse fds

B – kd o msn dakela gaaaata da tua sala q vi ctg, mo file!!!



A – fik peixe, rapa!!! fik frio ai. jah te mandu

B – v si naum esqueci de manda, valeu???

A – blz, vc é eh mermaum, rapa!!!

B - meu cel ta alarmando, axo q ja ej hora da escola... fui!

A – flw tb vou chega, a genti se tc + tardi

A presença de *Emoticons* e *Winks*<sup>3</sup> anexados ao texto verbal confirma que estamos diante de um ‘dialeto escrito’ da Língua Portuguesa. Não há dúvida de que esses interlocutores se conhecem há algum tempo e por isso as marcas de cumplicidade e companheirismo estão espalhadas por vários pontos das intervenções de ambos. Esse conhecimento mútuo entre interlocutores seria suficiente para garantir o envolvimento de cada um tanto com o que se diz quanto com a própria “interação” *on-line*, pois é bem mais fácil dialogar com quem temos afinidade e compartilhamos um conjunto de conhecimentos do que sem isso. Sabemos que muitos elementos linguísticos presentes no texto corroboram para a integração desses internautas nesta interação a distância.

### 3. Um ‘dialeto escrito’ com efeito oral

Não é estranho dizer que este gênero simula uma conversa espontânea face a face. As diferenças e limitações deste gênero digital em relação à conversa oral real são notáveis. No que se refere aos **aspectos fonológicos** que emergem no *internetês*, quem se engaja em conversações deste tipo normalmente busca reproduzir a mesma velocidade das trocas orais presenciais e assim tornar a interação que é remota mais próxima e fluente da forma natural de conversar. Por essa razão, encontramos nele tantos traços típicos da oralidade, como por exemplo:

- ✓ Alongamentos de vogais (aeee) que enfatizam certas palavras e manifestam a emoção do sujeito, uma vez que não há som de voz para tal;

---

<sup>3</sup> *Emoticons* são sinais gráficos que representam emoção por escrito. *Winks* são desenhos com animação que substituem palavras e até frases inteiras inseridas em conversas por SMi, tal como o já definimos.

- ✓ Ausência da consoante ('r') em final de palavras para marcar a descontração comum em conversas fortuitas entre conhecidos (manda = mandar; faze = fazer);
- ✓ Substituição de vogais finais para representar a real sonoridade quando pronunciadas espontaneamente (meiu = meio; ocupadu = ocupado; sabi = sabe; chega; tardi = tarde)

Quanto ao *aspecto morfológico*, o que mais salta aos olhos e incomoda muita gente é o fato de o usuário do *internetês*, ao tentar reproduzir com precisão a sonoridade da pronúncia coloquial, modificar a escrita oficial dos grafemas, cortar as palavras, suprimir vogais e até consoantes. Apesar de todas essas transformações que ocorrem na forma da escrita da palavra, é possível recuperar qual teria sido a palavra modificada, pois normalmente são preservadas as consoantes e eliminadas as vogais tal como acontece em: *td* (tudo), *blz* (beleza) *ctg* (contigo), *kd* (cadê), *flw* (falou) que estão presentes no diálogo acima.

Em um primeiro momento, pode haver leitor não acostumado pode estranhar essa grafia, mas uma releitura com as devidas percepções do contexto permitirá a compreensão do que cada uma das palavras modificadas pode significar, depois de vincular a que forma lexical cada uma das mudanças gráficas estaria representando. Dizendo de outra maneira, esse modo de utilização dos grafemas da modalidade escrita da língua não causa mais ou menos prejuízo à comunicação dos interlocutores que deles se utilizam. Como, para qualquer dialeto, basta um pouco de boa vontade e treino para entendê-lo e se tornar usuário, não acontecesse tão diferentemente com o *internetês*.

Uma vez bem aprendido, o sistema de escrita alfabético funciona na expectativa de o leitor reconhecer o que cada um dos grafemas pode significar em termos de som da fala e de sua relação com as demais letras. O cérebro de quem já foi alfabetizado em Língua Portuguesa e tem hábito de leitura reconhece com relativa facilidade determinadas combinações de letras, mas não todas. Nosso cérebro reconhece rapidamente a gramaticalidade de combinações entre: vogal + vogal (ai, ui); vogal + até três vogais (Uruguai, Piauí); vogal + consoante (ir, oh); consoante + vogal (da, já); vogal + consoante + vogal (até, ira); consoante + vogal + consoante (mas, tem); consoante + consoante + vogal (pra, plano, observação, pneu, flanela, planar, Vlademir, nascer).

Entretanto, a cognição humana não percebe facilmente gramaticalidade em combinações do tipo: cinco vogais sequenciadas (rpldg, cfghj); consoante + quaisquer consoantes (pv, wtr, tg; três consoantes em sequência (gsr, bdl, cfk) nem as ligam imediatamente a palavras possíveis da Língua Portuguesa. Na verdade, nossa mente demora um pouco para processar a inteligibilidade de uma dada sequência de letras que representam uma palavra inteira. O reconhecimento da possibilidade de que um conjunto de letras possa formar uma sílaba ou uma palavra aumenta à medida que ela vai reaparecendo e se tornando familiar ao cérebro. A plasticidade cerebral nos permite aprender e apreender qualquer informação e a realizar qualquer ação desde que bem programada. Em geral, nossa mente procura de modo quase automático formar o sentido a partir dos recursos gráfico-linguísticos disponíveis à visão seja por audição ou por visão dos grafemas alfabéticos que também são traço imagéticos.

A seguir, apresentaremos um texto cujas letras estão desorganizadas dentro das palavras, mas apesar disso conseguimos reconhecer qual a palavra mais provável

representada por aqueles grafemas. Em uma palavra, essa experiência mostra como quanto nosso cérebro é extrovertido.

### **Texto original**

De acordo com uma pesquisa  
de uma universidade inglesa,  
não importa em qual ordem as  
letras de uma palavra estão,  
a única coisa importante é que  
a primeira e a última letras estejam  
no lugar certo. O resto pode ser  
uma bagunça tal, que você  
ainda pode ler sem problema.  
Isto é porque nós não elmos cada  
letra isolada, mas a palavra  
como um todo.

### **Tradução**

de acordo com uma pesquisa  
de uma universidade inglesa,  
não importa em qual ordem as  
letras de uma palavra estão.  
A única coisa importante é que  
a primeira e a última letras estejam  
no lugar certo. O resto pode ser  
uma bagunça tal que você  
ainda pode ler sem problema.  
Isto é porque nós não elmos cada  
letra isolada, mas a palavra  
como um todo.

Como podemos constatar, parece que a pesquisa tem razão. A grande maioria das pessoas alfabetizadas consegue ler o texto acima, apesar da desordem das letras no interior das palavras. A única exigência para o reconhecimento é a palavra iniciar e terminar com as devidas letras nos seus respectivos lugares. Isso reafirma o fato de que não lemos sílaba por sílaba, mas palavras e sintagmas inteiros. Por conseguinte, nossa mente procura encaixar a palavra reconhecida entre as outras de modo que façam algum sentido. Se houver dificuldade de compreensão ou qualquer incompatibilidade semântica, os olhos retornam ao início da frase até que seja encontrada uma significação plausível. É assim também que se dão as modificações morfológicas propostas pelo *internetês*. Não há motivos para alardes, pois se trata apenas de uma utilização mais flexível dos grafemas do léxico em uma dada situação comunicativa e não de uma conspiração orquestrada contra a Língua Portuguesa para desestabilizar o léxico e gramática como um todo.

A “sopa de letrinhas” que surge na tela de pc tem a mesma plasticidade sintática presente na modalidade oral do Português. Ou seja, quanto ao *aspecto sintático*, o *internetês* segue de perto os mesmos fenômenos presentes na língua falada. Vejamos, então, alguns exemplos.

A – fik peixe, rapa!!! fik frio ai. jah te mandu

B – v si naum esqueci de manda logo, valeu???

O falante A omite o complemento (objeto direto) do verbo ‘mandar’ que seria o endereço do programa de mensagens instantâneas da garota solicitado por B. Este, por sua vez, também deixa elípticos os mesmos complemento do verbo e o próprio verbo. Ainda que implícito na fala de ambos, os interlocutores não perdem o referente (msn da garota) de vista ou da memória. No Português falado em Portugal, provavelmente essa omissão de objeto não ocorreria. Não é comum isso acontecer, visto que os lusitanos são muito literais e explícitos em suas formulações linguísticas em relação ao português falado no Brasil. Por essa razão, muitas piadas são feitas a partir deste modo literal de funcionar semanticamente dos portugueses. Em se tratando de sintaxe falada do Português brasileiro, essa ocultação do complemento não só acontece, como sua explicitação tornaria o enunciado artificial pelo excesso de informação, uma vez que a

ênfase de B não deixa dúvida de que a palavra não foi repetida posteriormente na cadeia do enunciado.

Há também anacolutos, ou seja, início de uma frase que não tem continuidade, ou seja, o produtor do enunciado abandona o próprio enunciado deliberadamente. É o que acontece quando B diz:

B – kd o msn dakela gaaaata da tua sala q vi ctg, mo file!!!

A descrição elogiosa de B sobre a garota revela que a expressão ‘mo file’ constitui uma oração à parte, só compreendida por inferência do interlocutor (A) que provavelmente não só a conhece como a utiliza também em seu discurso. Na expressão, além da supressão do tritongo contida na palavra encurtada ‘maior’, não há o verbo de ligação ‘ser’ como seria natural neste tipo de enunciado. A frase é interrompida, gerando a expectativa de que ficou faltando uma complementação. Anacolutos são mais frequentes na oralidade por causa do pouco tempo entre a elaboração e a execução do enunciado. O fenômeno se repete na sintaxe da Internet, tendo em vista sua similaridade com a fala.

No que tange ao *aspecto semântico* do *internetês*, podemos observar que a abreviação da palavra ‘beleza’ por ‘blz’ e da palavra ‘firmeza’ por ‘fmz’ mostra a deriva de significado pela qual esses vocábulos têm passado. A rigor, deveriam ser usados os adjetivos ‘belo’ e ‘firme’ para significar que as coisas da vida cotidiana estavam transcorrendo bem e sem maiores dificuldades. No entanto, apesar de elas terem mudado de classe gramatical, conservam aquele mesmo sentido. Para que esse sentido seja recuperado, o ouvinte de tais derivas semânticas precisa tomar os substantivos (‘blz’ e ‘fmz’) pelos respectivos adjetivos e assim compreender o que realmente se quis dizer.

Outra deriva interessante ocorre com a expressão ‘e aeee’, isto é, ‘e aí’, cuja significação é uma pergunta não sobre o lugar em que o interlocutor esteja, mas como ele está passando. No caso, a expressão foi grafada no texto com um alongamento da vogal ‘e’ que imprime emoção, e por isso, funcionando também como uma interjeição. A pluri significação de uma mesma expressão aponta para riqueza semântica adquiridas por certas expressões, cuja certeza do significado será resolvida pelo contexto pragmático em jogo. Hoje tem sido comum entre os jovens interneteiros ou não o uso da combinação dessas duas palavras. Em suma, essa expressão pode significar tanto uma pergunta sobre o estado de saúde físico-mental do interlocutor, como também uma espécie de saudação ao encontrar alguém.

As palavras ‘veio’, ‘peixe’ e ‘mermaum’ são nesta interação correlatos referenciais, ou seja, ao mesmo tempo que se refere aos interlocutores, também querem instaurar a existência de uma relação de amizade entre eles. O locutor A emprega ‘peixe’ e ‘mermaum’ e o locutor B utiliza ‘veio’, confirmando assim a presença da cumplicidade. Provavelmente nenhum dos dois é literalmente ‘velho’, ‘peixe’ nem sequer ‘irmão de sangue’, como tais formas linguísticas podem denotar. No entanto, a mutação de significação sofrida por tais vocábulos não causa estranhamento referencial, pelo menos não aos tais interlocutores ou a maioria dos jovens contemporâneos usuários de tais palavras. Não há dúvida que essa deriva semântica é bem mais comum na língua falada. Quando ela ocorre na modalidade escrita, é porque o gênero textual hospeda confortavelmente tais derivas de sentido. Outras derivas semânticas que aparecem na

interação em análise são: ‘deu pau’ para significar ‘quebrou’ e ‘fui’ para representar ‘tchau’ ou outra forma tradicional de despedida.

Como não há interação sem produção de atos de fala que manifestam a intenção de quem faz uso da linguagem, não será difícil identificá-lo no texto em análise. Da saudação inicial (A – e aeee lipi td blz ctg??? + wink) à despedida (A – flw a genti se tc + tardi), vários são os atos de fala realizados por A e B em tais enunciados. Dois deles parecem-nos interessantes de analisá-los conforme o *aspecto pragmático* da linguagem nesta interação.

O primeiro foi produzido por A que disse: ‘fik peixe, rapa!!!’ O ato de fala aqui produzido teve como intenção tranquilizar a pressuposta afobação de B, que queria receber imediatamente a informação sobre o endereço eletrônico da garota conhecida por ambos. A expressão ‘fik frio ai’ confirma que o desejo de A era acalmar o ânimo de B. Mesmo com a deriva semântica em tais expressões e sem as curvas entoacionais que facilitaríamos a captação da intenção de A, já que se trata de texto escrito, é possível “sacar” que houve uma tentativa de A conter a excitação de B. A informalidade nas duas expressões usadas por A também funcionam como modalizador da intervenção, levando pelo lado da camaradagem.

O segundo ato de fala curioso de observar é representado graficamente pelas letras ‘blz’ e ‘fwl’. Ambas as palavras abreviadas têm o papel de manifestar concordância com o interlocutor, ou seja, revelam o mesmo ato de fala, a saber: ‘entendi’, ‘por mim, tudo bem’. Não coincidentemente foi produzido por um único locutor, A. Como já dissemos, tais palavras, além de encurtadas, sofreram deriva semântica para exatamente cumprir seu propósito de indicar harmonia de pensamento e opinião com quem acabou de fazer uma pergunta direta (B – ... valeu???) e um pedido de retorno ou feedback (B – ... fui!).

Há outros elementos de natureza pragmática, semântica, sintática, morfológica e fonológica a serem descritos e interpretados no interior da interação em foco, entretanto consideramos as análises até aqui realizadas suficientes para demonstrar que o *internetês* é uma espécie de ‘dialeto escrito na tela’ com efeito oral, e por isso contém toda a complexidade linguística que lhe é peculiar. O diferencial deste ‘dialeto’ é o fato de nascer na modalidade escrita da língua, realizar-se apenas nela, mas esforçar-se para conservar a espontaneidade e dinamismo da modalidade falada. Sabemos que todos os dialetos são variações de uma língua já estabelecida, mas nascem e tendem a sobreviver apenas oralmente. O *internetês* tem base na escrita, mas motivações e aspirações da oralidade. Isso explica sua estrutura e funcionamento tão colado a esta modalidade de uso da língua.

#### **4. Vantagens ou perigos do *internetês*?**

Nem vantagens nem perigos. Este ‘dialeto escrito’ com efeito oral existe, não pode ser ignorado pela sociedade nem pela escola, entendamos isto nós, professores! Nem um dialeto ameaça a vida de uma língua. Ambos convivem e são bem sucedidos se aceitos pela comunidade de fala que as utiliza. A oficialização de um dado dialeto é uma decisão arbitrária e burocrática, nunca exclusivamente linguística. E essa aceitação acontece em razão da sua eficácia no atendimento aos diversos propósitos comunicativos para os quais são utilizados.

Visto pelo ângulo da funcionalidade, o *internetês* mostra-se vantajoso, pois seus usuários parecem satisfeitos quando precisam dele para se comunicar por gêneros digital e hipertextos (XAVIER, 2009). Como vimos na análise dos cinco níveis de estudo de uma língua, nada lhe falta. Toda densidade e leveza próprias de um sistema codificado de comunicação com vistas à interação estão presentes neste ‘dialeto’.

Todavia, observado pelo prisma da novidade semiótica, o *internetês* parece representar perigo àquele que não o compreende ainda, nem tem boa vontade para estudá-lo a fim de encontrar a funcionalidade interacional presente em todas as línguas e dialetos, inclusive neste. É comum se dizer que este ‘dialeto’ dificultaria a aprendizagem do sistema de notação alfabético do Português. Se o *internetês* fosse liberado pelos professores para uso indiscriminado, os alunos se acostuariam a escrever com tais modificações gráficas em todo e qualquer gênero textual e situação comunicativa. Será? O índice de ocorrência das marcas destes dialetos na escola já foi bem maior<sup>4</sup>. Hoje os traços do *Internetês* quase inexistem nas redações de vestibulares, concursos públicos e entrevistas para emprego. A ‘ingenuidade’ nos parece ser do professor que pensa que um ‘dialeto’ pode destronar uma língua tão facilmente assim. Os próprios internautas, que também são aprendizes da Língua Portuguesa padrão, vêm superando essa questão há tempos.

Parece-nos que quanto mais o uso dos gêneros digitais dos quais o *internetês* é constitutivo se torna comum, mais cresce a consciência linguística de que é preciso ponderar onde pode e quando não pode escrever com o ‘dialeto’ ou de acordo com a forma padrão. A maturidade adquirida sobre a conveniência e a adequação nos faz escolher que tipo de roupa vestir em diferentes ocasiões sejam as mais protocolares, sejam as mais descontraídas. À medida que o aprendiz vai amadurecendo no uso da modalidade escrita em diferentes gêneros, ele vai adequando a forma e o conteúdo do seu dizer a tais situações. Tudo ao seu tempo e no seu devido lugar é uma lição que o professor já deveria ter aprendido e ensinado aos alunos, antes de aterrorizá-los contra a “praga” linguística que seria o *internetês*. Ao aluno cabe a tolerância do professor pela pouca idade e por estar em processo de aquisição da língua escrita.

Ações reativas ao uso deste ‘dialeto’ soam retrógradas e podem dificultar mais ainda a relação do aprendiz com a língua, causada pela antipatia ao assustado professor com os efeitos supostamente deletérios do *internetês*. Quantas vezes não já ouvimos muitas crianças e até adultos dizerem que detestam estudar Língua Portuguesa? Muito dessa repulsa deve ser atribuída a traumas causados pela intolerância do professor desta matéria a certos usos linguísticos. Infantilidade de atitude de alguns mestres que se esquecem de fazer ressalvas sobre a necessidade de ponderar a conveniência e a adequação quando da utilização da linguagem. Atitude preconceituosa de determinados docentes que tratam toda e qualquer variação na língua como inferior, logo errada. Neste caso, quem representa ameaça ao desejo de se aprender uma língua não é o *internetês*, mas é o professor que, por sua inflexibilidade, preconceito e anticientificismo, afasta o aprendiz da visão multivariada da linguagem verbal e consequentemente do prazer de estudá-la exatamente por sua riqueza e não pela monotonia de uma neurótica uniformidade linguística.

---

<sup>4</sup> Segundo matéria da Revista Língua Portuguesa a quantidade de incidência do *internetês* em situações formais de uso é quase nula. <http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=11685> acessado em: 16/12/2009.



## 5. Como lidar com esse dialeto na escola?

Eis a uma boa questão. Que não podemos ignorar a chegada do *internetês* na vida da Gnet e consequentemente na escola já sabemos. Que estamos diante de um fenômeno linguístico diferente também já nos convencemos disso. Precisamos agora de estratégias pedagógicas para fazer com que esse ‘dialeto’ seja bem trabalhado para ajudar a aprendizagem da modalidade escrita do português padrão.

Antes de traçarmos quaisquer estratégias educacionais com esse ‘dialeto’, será necessário nos “despreconceitualizarmos” acerca dele. Não será possível pensar atividades a serem feitas a partir do *internetês* tendo alguma concepção elitista de funcionamento da língua. Será fundamental adotarmos uma atitude de aceitação da sua existência como fato linguageiro tão legítimo como qualquer outro fato desta natureza. Ele não ameaça a existência da Língua Portuguesa nem atenta contra a moral e os bons costumes de qualquer sociedade. Aliás, ele não é um fenômeno exclusivo da nossa língua. No inglês (CRYSTAL, 2004) e até no japonês ele também já é um velho conhecido dos internautas nativos daquelas línguas (DANET e HERRING, 2007). Além do mais, só tem sido usado em gêneros digitais da Internet, seu habitat. Por isso, assumir uma postura sem reservas e até simpática é condição primeira para pensar atividades escolares com esse ‘dialeto’.

Desprovido de qualquer indisposição, será possível tomá-lo como objeto de aprendizagem nas aulas de Língua Portuguesa e até Literatura Brasileira. No primeiro caso, é possível pensar em exercícios de retextualização. Comparando a forma gráfica do *internetês* com a reprodução do mesmo conteúdo sem tais marcas, podemos levar o aprendiz a perceber a grafia oficial das palavras dentro de um contexto específico de produção de linguagem. Verter do *internetês* para a escrita padrão exige movimentos sensoriais-motores e visuais que poderão conduzir o aprendiz à consciência da adequação e, consequentemente, à flexibilidade quanto ao uso dos grafemas alfabéticos.

Para além desses movimentos que poderiam ser considerados meramente físicos e perceptuais, a retextualização pode ser ampliada para outros níveis de análise de linguagem. Fazer a conversão de termos e expressões certamente será uma experiência bem desafiadora para o aprendiz. Talvez ele entre em pânico num primeiro momento. Porém, depois de várias consultas a dicionários tradicionais, de ideias semelhantes, de sinônimos e de gírias, o aprendiz chegará, por si mesmo, a resultados linguísticos surpreendentes. Como seria a tradução de ‘mo file’, ‘fik peixe’ e ‘fui’? Mais curioso ainda é fazer o aprendiz descobrir qual a intenção de cada uma das intervenções dos internautas subjacente aos seus enunciados, fazendo-os desvelar os diversos atos de fala ali existentes. São pequenos desafios como esses de brincar com a diversidade e o colorido da linguagem que poderão despertar o interesse dos alunos pela língua materna para assim enxergarem sua fortuna expressiva da qual também faz parte o *internetês*.

Já no caso de trabalhar o *internetês* aplicado à Literatura, uma sugestão que deixamos para o leitor-professor é estimular a escrita de um conto em que um dos personagens só consegue se comunicar por meio deste ‘dialeto’. Em toda e qualquer situação comunicativa que envolva gênero escrito, ele não consegue se libertar dessa forma específica de expressão. Quais as consequências disso? Antes deverá o professor discutir a temática da variação linguística e a diversidade de gêneros textuais que exigem um tratamento todo especial da linguagem. Fomentar a criação de situações narrativas em

que a presença deste ‘dialeto’ se faz necessária ou abusiva é uma forma de fazer os estudantes refletirem sobre esse fenômeno, ponderar a respeito das suas limitações e ocasiões apropriadas e assim evitar seu uso indiscriminado.

Outras atividades com o *internetês* poderão ser inventadas pelo próprio professor diante da realidade e características de cada uma de suas turmas de alunos. Lembremo-nos de que a rejeição a ele não vai fazer com que seus usuários deixem de usá-lo. Muito pelo contrário. Quanto mais proibida for uma coisa, maior desejo de transgredi-la haverá, principalmente entre jovens, os mais curiosos e naturalmente transgressores e por isso também os que mais fazem uso deste ‘dialeto’. Não podemos nos esquecer também de que quem plantar antipatia e intolerância colherá frutos proporcionais. Mas cultivar a simpatia e manter a tolerância quebra barreiras e abre horizontes para o acesso a propostas e sugestões de outros. Reinando a diplomacia, impera o diálogo, condição imprescindível para a criação de alternativas de ações educacionais que possam ser efetuadas nas aulas de língua e literatura.

### **Concluindo**

Fosse apenas mais uma gíria, esse ‘dialeto escrito na tela’ não teria causado tanto frisson e certamente não meteria medo em alguns conservadores das formas tradicionais de uso da escrita. O fato é que não se trata de mais uma gíria a nossa disposição no mercado verbal da Língua Portuguesa. Ela existe desde o início da popularização da Internet e dos primeiros programas de *e-mail* e mensagens instantâneas síncronas como ICQ (Vide Paiva, 2005).

Ao contrário do que possa parecer para alguns professores, o *internetês* apresenta sim uma leveza sustentável. Dois fatores garantem-na. O primeiro tem a ver com o prazer evidente da Gnet em usá-lo nas situações comunicativas mediadas por computador em gêneros digitais. Essa geração chega à escola com a expectativa de também vê-la valorizada pelo professor. Por si só esse fator seria suficiente para torná-lo relevante entre os demais dialetos e por isso não ser desqualificado pelo professor. A busca pelo prazer é um dos dois objetivos incansavelmente perseguidos pelo ser humano. O outro objetivo é evitar a dor. A intolerância ou o desprezo do professor por tal ‘dialeto’ causa dor no aprendiz que, por sua vez, evitará a fonte dessa dor, o professor e suas ações pedagógicas. O conflito se instaura e o resultado é a falta de interesse generalizado da Gnet pela aprendizagem do idioma em sua escrita padrão. Todos perdem.

O segundo fator da leveza sustentável do *internetês* é a satisfação profissional do docente ao descobrir maneiras inteligentes de trabalhar com o *internetês* em sala de aula. Tematizá-lo no ambiente escolar atrairá a atenção do aprendiz que se sentirá contemplado. Uma vez fisgado, o professor poderá desenvolver ações pedagógicas tais como as aqui sugeridas e criar outras que aproximem o aprendiz das reflexões necessárias ao domínio do padrão partindo deste ‘dialeto escrito na tela’ que tão bem já manuseia. Ele oferece a oportunidade para pensarmos sobre modos criativos pelos quais possam ser valorizados sem exagero ou pieguismo, como se ele fosse bem mais expressivo do que realmente é. Há urgência de o professor despertar na Gnet seu desejo por aprender a usar a linguagem verbal escrita com adequação técnica, tempero estético e respeito ético ao outro e assim tornar a aprendizagem da língua mais generosa, saborosa e significativa.

## Referências

- CRYSTAL, David. **A Revolução da linguagem**. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR, 2004.
- DANET, Brenda e HERRING, Susan C. **The Multilingual internet. Language, culture and communication on-line**. Oxford: University press, 2007.
- PALFREY, Jonh. e GASSER, Urs. **Born digital: understanding the first generation of digital natives**. New York: Basic book, 2008.
- PAIVA, Vera M. E-mail: um novo gênero textual. In: MARCUSCHI, L. A. e XAVIER, A. C. Hipertexto e gêneros digitais. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- XAVIER, Antonio Carlos. **A Era do hipertexto: linguagem e tecnologia**. Recife: Editora da UFPE, 2009.
- \_\_\_\_\_, Escola e Letramento Digital: impactos das TDIC na aprendizagem da GNet. (no prelo).